

# Anverso e reverso: a imagem monetária de Élia Eudóxia, imperatriz do Oriente (395-404)\*

*Obverse and reverse: the monetary image of Aelia Eudoxia, Empress of the East (395-404)*

João Carlos Furlani\*\*

**Resumo:** Não são poucas as representações de determinadas personagens que são concebidas e condicionadas quase que exclusivamente por informações apresentadas em documentos escritos, sejam eles contrários ou a favor de quem é retratado. No caso de Eudóxia, imperatriz do Oriente entre 395 e 404, não é diferente. Os documentos de natureza textual, em grande parte cristã, desqualificam a imperatriz, bem como lhe atribuem a culpa por atacar e conspirar contra João Crisóstomo durante os eventos que levaram o bispo ao exílio. Contudo, a documentação material nos permite visualizar uma representação distinta daquela propagada pelos documentos escritos. Nesse sentido, nosso objetivo, neste artigo, é analisar a imagem e a representação numismática de Élia Eudóxia transmitida por meio de um conjunto de moedas cunhadas em sua homenagem, durante o governo de Arcádio, levando em consideração que uma rica discussão sobre a luta de representações a respeito de Eudóxia pode ser desenvolvida, uma vez que os símbolos contidos nos artefatos monetários exprimem significados e intenções que vão na contramão do que é apresentado, até então, sobre a imperatriz, ao mesmo tempo em que demonstram distintas possibilidades de atuação feminina na Antiguidade Tardia.

**Abstract:** Too many representations of certain characters are conceived and conditioned almost exclusively by information presented in written documents, be they contrary or in favor of who is portrayed. In the case of Eudoxia, empress of the East between 395 and 404, it is no different. Documents of a textual nature, largely Christian, disqualify the empress, as well blame her for attacking and conspiring against John Chrysostom during the events that led the bishop to the exile. However, material documentation allows us to visualize a distinct representation of that propagated by written documents. Therefore, our purpose in this article is to analyze the image and numismatic representation of Aelia Eudoxia conveyed through a set of coins minted in her honor during the Arcadius government, taking into consideration that a rich discussion about the struggle of representations about Eudoxia can be developed, since the symbols of the monetary artifacts express meanings and intentions that go against what is presented until then about the empress, while at the same time demonstrating different possibilities of feminine performance in Late Antiquity.

## Palavras-chave:

Antiguidade Tardia;  
Representação;  
Atuação feminina;  
Moedas;  
Élia Eudóxia.

## Keywords:

Late Antiquity;  
Representation;  
Female performance;  
Coins;  
Aelia Eudoxia.

---

Recebido em: 12/03/2017

Aprovado em: 03/05/2017

---

\* Este artigo foi elaborado com base nas discussões apresentadas na dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), intitulada: *Gênero, conflito e liderança feminina na cidade pós-clássica: a atuação de Eudóxia e Olímpia sob o episcopado de João Crisóstomo (397-404)*, sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva.

\*\* Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), licenciado e bacharel pela mesma instituição e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

## Introdução

**A**o refletirmos sobre a relação entre os indivíduos e as imagens, muito provavelmente, perceberemos que ela não é única. Em verdade, é variável, dados os contextos histórico, econômico, social e religioso. E isso se acentua cada vez mais ao nos questionarmos sobre a temporalidade atual. Schütz-Foerste (2004, p. 25) declara que, de modo geral, “a relação do homem com a imagem depende em grande parte dos processos de produção das imagens, mas também da experiência de visão de quem as produz e recebe, ou seja, da visão de mundo preponderante em uma dada cultura e momento histórico”. Se pensarmos na produção monetária, por exemplo, veremos que há diversas possibilidades para tal, como os usos particulares, familiares, econômicos, propagandísticos, artísticos, ilustrativos, etc. Do mesmo modo, as leituras tornam-se múltiplas, gerando interpretações e representações distintas. Em outras palavras, a indagação “afinal, o que representa uma imagem?” configura-se mais complexa do que possa parecer à primeira vista, uma vez que sua resposta encontra-se, na maioria dos casos, conectada à dinâmica de elaboração e reelaboração da memória.

É importante frisar que a memória pode ser construída em diversos lugares, sejam eles topográficos, como arquivos, bibliotecas e museus; ou monumentais, como a arquitetura; ou funcionais, como manuais e autobiografias; ou mesmo simbólicos, como comemorações e emblemas (LE GOFF, 1996, p. 472-473). A esse respeito, Pierre Nora (1993, p. 9) declara que a memória “se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”.

Não podemos perder de vista que a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Nesse sentido, é imprescindível compreendermos que a memória possui um caráter psicológico, além de ser considerada um elemento essencial do que se define como identidade, individual ou coletiva (LE GOFF, 1996, p. 423; 476). Além disso, a própria constituição da memória é capaz de interferir no que Foucault (2004, p. 236) denomina como processos de subjetivação e objetivação, que permitem ao indivíduo “se tornar, na qualidade de sujeito, objeto de conhecimento”, como nos estudos da memória de determinada personagem, seja ela construída por textos ou imagens.

Ao refletirmos, em especial, sobre a atuação feminina na Antiguidade Tardia, também podemos enxergar um conjunto de práticas marcadas pela multiplicidade de imagens, representações e papéis que variam de acordo com cada contexto analisado, seja ele político, religioso ou social. As modalidades de atuação feminina variavam

conforme as circunstâncias impostas, mas também conforme a opção das próprias envolvidas, condicionando, assim, o que se fala, como se fala, de que maneira se é vista ou representada. Ademais, o peso simbólico daqueles que ocupam lugares distintos, como os membros da casa imperial, também colabora com a formação de uma imagem pública. Portanto, o que se dirá das imperatrizes? Como eram construídos os seus papéis? E qual a importância de seu *status* para a construção da imagem que buscam para si? Tais questões tornam-se pertinentes e norteadoras ao buscarmos investigar a intrigante figura de Élia Eudóxia, imperatriz do Oriente entre 395 e 404, uma vez que a variedade de opiniões a seu respeito traz à tona distintas *personae*.

Pensar Eudóxia historicamente é uma operação complexa, devido, por um lado, ao pouco material disponível a seu respeito, em comparação a outras figuras masculinas e também femininas, e, por outro, ao contexto político-religioso de sua época que proporcionou distintas narrativas sobre a imperatriz. Daí nossa preocupação com a formulação da imagem de Eudóxia por meio de uma *luta de representações*, que Chartier (1991, p. 183-184) definiu como uma espécie de ordenamento social, uma vez que “centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade”. Pontos esses que também aparecem no trabalho de Bourdieu (1989, p. 9-10), ao tratar do poder simbólico como um poder de construção da realidade capaz de conferir sentido ao mundo representado. Desse modo, representações distintas de Eudóxia podem ser construídas por fontes e meios diversificados, em busca de uma imagem com um significado específico.

A diversidade de registros, que envolve tanto documentos textuais quanto materiais, possibilita perspectivas diversificadas quanto à ideia de construção da imagem pública dos imperadores e das imperatrizes romanas. Se, por um lado, temos escritos de variadas vertentes filosóficas e religiosas, do outro temos as moedas oficiais, como a imagem que os representados buscaram para si, que amiúde revelam um outro ponto de vista.

As informações apresentadas na documentação escrita, de modo geral, formam uma representação negativa da imperatriz, consolidada e propagada, em grande parte, por escritores cristãos, que a consideravam gananciosa, manipuladora, além de ser equiparada a Jezebel, bem como culpada por atacar e conspirar contra João Crisóstomo, bispo de Constantinopla (Zós., *His. Nova*, V; Fil., *His. Eccl.*, 11). Essa representação negativa de Eudóxia se forjou, em grande parte, ao longo do enfrentamento com João Crisóstomo, uma vez que, antes disso, a imperatriz era vista, pelos autores eclesiásticos, como uma boa cristã, colaborativa e caridosa. Contudo, em contraste com as informações transmitidas pelos documentos escritos, distintas informações surgem na documentação material, em

especial num conjunto de moedas cunhadas durante o governo de Arcádio (395-408). E são essas informações, capazes de nos revelar uma imagem distinta para a imperatriz, que serão objeto de nossa atenção neste artigo.

### A imagem monetária de Eudóxia

A imagem de Eudóxia, passível de reconstrução, por meio dos documentos escritos é deveras riquíssima. Contudo, se formos pensar numa luta de representações, as narrativas textuais somam apenas uma das possibilidades de visualização da *persona* imperial. Na condição de imperatriz-consorte romana e *Augusta*, Eudóxia desfrutava de benefícios e regalias que a corte imperial poderia lhe proporcionar. É importante destacar que o título de *Augusta* não era concedido a qualquer mulher, uma vez que se tratava de um título imperial reservado às imperatrizes e demais mulheres da família imperial cujas virtudes eram reconhecidas pelo *Augustus* reinante (MCCORMICK, 1991, p. 694; HIDALGO DE LA VEGA, 2012, p. 161-178).

Michael McCormick (1991, p. 694) declara que, das vinte e seis primeiras esposas conhecidas dos imperadores, apenas nove eram *Augustae* e apenas quatro outras mulheres se tornaram *Augustae* como mãe, irmã, etc. O título em si implicava grande prestígio, uma vez que era associado ao título original de *Augustus* e, portanto, às estruturas do poder imperial. Tanto a forma masculina quanto a feminina se originaram ainda sob a República, em conexão com atributos divinos ou sagrados. Seu uso como título imperial ganhou novas acepções a partir de Augusto, mas sempre associado a atributos majestosos e virtuosos, que até a Antiguidade Tardia eram elementos constituintes do culto imperial (HIDALGO DE LA VEGA, 2012, p. 117; 164). Além do prestígio conferido pelo título, as *Augustae* mantinham a cunhagem de moedas em sua homenagem, nas quais a imagem da imperatriz adquire outros sentidos e suscita outras questões (MCCORMICK, 1991, p. 694-695).

É fato que, diante das nebulosas informações a respeito dos pertencentes às categorias subalternas da sociedade romana, o elenco visível de personagens da aristocracia, que engloba as mulheres, ocupa um lugar emblemático nas discussões públicas (COOPER, 2009, p. 194). No Império Romano do Oriente, diversas figurações femininas aparecem em moedas como símbolos de concórdia e homenagem, o que nos possibilita elucidar aspectos específicos da cunhagem, como podemos destacar na dinastia teodosiana, da qual Eudóxia fazia parte (HOLUM, 1982; BRUBAKER; TOBLER, 2000).

Diversos exemplares de moedas cunhadas durante o governo de Arcádio referentes a Eudóxia, entre elas *solidus*, *tremissis* e *miliarensis* e outras moedas de bronze foram

catalogadas e estão disponíveis a nós hoje (SEAR, 1988; KENT; CARSON; BURNETT, 1994).<sup>1</sup> Em outras palavras, o confronto de representações envolvendo a imperatriz não se encerra nas narrativas escritas, há ainda a possibilidade de se analisar a imagem de Eudóxia por meio dos registros oficiais. Portanto, é possível enxergar significados intrínsecos às moedas, que vão além do sistema econômico-monetário, uma vez que tais artefatos são portadores e difusores de crenças, memórias, comemorações e representações daqueles homenageados em seu anverso e/ou reverso, o que contribui, em grande medida, para consolidar e reforçar a autoridade dos soberanos representados nas efígies (FRÈRE, 1984, p. 15). Dito isso, analisaremos algumas moedas cunhadas em homenagem a Eudóxia.

**Figura 1** - Élia Eudóxia, *argentum miliarensis* leve, 25 mm., 4,46 g., 398-408<sup>2</sup>



Fonte: NAC 33, 617.

Na Figura 1, temos um exemplar de um *argentum miliarensis* leve, ou seja, um miliarense cunhado a partir da prata. No anverso da moeda, encontramos a inscrição AEL EVDO-XIA AVG, que remete à figura imperial de *Aelia Eudoxia Augusta*. Como vimos,

<sup>1</sup> O *solidus* foi introduzido por Constantino, em 312 d. C., substituindo o *aureus* como a moeda de ouro do Império Romano, valendo 275 mil denários, esse, por sua vez, em constante desvalorização. Desde o século IV até o século XI, a maioria dos *solidi* foi cunhada no ateliê monetário de Constantinopla. No entanto, há exemplares de *solidi* cunhados em Tessalônica, Trier, Roma, Milão, Ravena, Siracusa, Alexandria, Cartago, Jerusalém e outras cidades (PORTEOUS, 1969). Já o *tremissis*, moeda do Império Romano tardio equivalente a um terço do *solidus*, foi introduzido na década de 380 por Teodósio. Convém ressaltar que o *tremissis* permaneceu por longo tempo como uma das principais moedas da capital do Oriente, circulando até o século XVIII (GRIERSON, 1982, p. 159). Já o *miliarensis* foi a única moeda de prata regularmente cunhada durante o Império Romano tardio. Tais moedas eram fabricadas com diâmetros variáveis, geralmente com peso entre 3,8 e 6,0 gramas, sendo cunhadas inicialmente no século IV, por encomenda de Constantino (MINITT, 2003, p. 48).

<sup>2</sup> A data de cunhagem desta moeda não consta no catálogo. Desta forma, adotamos os anos de 398 a 408 como data aproximada, na medida em que este é o período mais corrente de cunhagem de moedas referentes a Eudóxia. O mesmo ocorrerá com outros exemplares, para os quais indicaremos esta mesma datação.

*Augusta*, a forma feminina de *Augustus*, foi um título romano honorífico concedido a imperatrizes, estendido também a importantes mulheres das famílias imperiais (MCCORMICK, 1991, p. 694-695). Como símbolos gravados no anverso, encontramos o diadema de pérolas, colar e brincos, o busto direito drapeado, e a *Manus Dei*, a mão de Deus, coroando a imperatriz.

No reverso da moeda indicada, não há qualquer inscrição, exceto a marca inferior CON destinada a informar o local de cunhagem do exemplar, no caso, o ateliê monetário de Constantinopla. Já os símbolos gravados apresentam a imperatriz sentada de frente no trono, utilizando um longo manto e, mais uma vez, sendo coroada pela mão de Deus. Há de se destacar a presença de uma cruz no canto superior direito e outra no lado esquerdo, próximas à cabeça da imperatriz, símbolo inequívoco da crença professada pela casa imperial. Inscrições como as encontradas neste exemplar de *argentum miliarensis* leve podem ser vistas em outras moedas, sejam elas *miliarensia* ou não, como podemos constatar na figura seguinte.

**Figura 2** - Élia Eudóxia, AE3 (17-21 mm.), 398-408



Fonte: RIC X, 78.

O exemplar acima refere-se a uma moeda de bronze, da qual, como a maioria das moedas do século IV e V confeccionadas com esse metal, não se conhece exatamente a nomenclatura. Em alguns momentos é associada ao *folles*, mas, ao que tudo indica, desde Constantino, os *folles* possuíam tamanho e peso menores e continham pouquíssima prata. Em meados do século IV, Constantino introduziu uma série de moedas de bronze com padrões distintos, classificadas pelos numismatas como AE1, AE2, AE3 e AE4, na qual a primeira é a maior, com cerca de 27 milímetros, e a última seria a menor, com uma média

de 15 mm. Portanto, no caso da moeda acima, AE refere-se ao material de constituição, *aes* (bronze), e 3 ao diâmetro, ou seja, algo entre 17-21 mm.

No que se refere aos símbolos e às inscrições presentes na moeda, notamos no anverso a mesma inscrição, AEL EVDXIA AVG, e os mesmos símbolos, diadema de pérolas, busto direito drapeado, colar e brincos, e a presença da mão de Deus, coroando a imperatriz. Contudo, no reverso da moeda, há algumas diferenças, a começar pela inscrição GLORIA ROMANORVM, que evoca a glória romana, ausente no exemplar anterior. Os símbolos são praticamente os mesmos: a figura da imperatriz sentada, de frente, no trono, sendo coroada pela mão de Deus. Desta vez, contudo, os braços cruzam-se sobre o peito, e há apenas uma cruz à esquerda. As mesmas características estão presentes em outras moedas de Eudóxia, variando apenas o nível de detalhamento das figuras, que é modificado de um ateliê monetário para outro, assim como a mistura de materiais empregados na cunhagem.

A quantidade de moedas que retratam Eudóxia entronizada, coroada pela mão de Deus e com uma cruz ao seu redor é extensa. As aqui indicadas não representam todas as moedas às quais temos acesso. Foi necessário realizar uma seleção, deixando de lado moedas com características idênticas para obter um repertório mais diversificado de elementos que configuram a imagem. À primeira vista, as moedas acima trazem os mesmos símbolos no anverso e reverso, reforçando a imagem cristã da imperatriz. Contudo, um elemento significativo para a análise destes exemplares se refere ao local de cunhagem da série, como podemos ver na Figura 3.

**Figura 3** - Élia Eudóxia, AE3 (17-21 mm.), 400-401



Anverso: AEL EVDXIA AVG. Diadema de pérolas, busto direito drapeado, coroada pela mão de Deus. Reverso: GLORIA ROMANORVM. Imperatriz sentada, de frente, no trono, coroada pela mão de Deus, braços cruzados sobre o peito; cruz à direita. Ateliê monetário: Nicomédia. **Fonte:** RIC X 80 A; LRBC 2450.

A Figura 3 possui SMN como marca do ateliê monetário, o que indica que esse exemplar foi cunhado em Nicomédia. Não obstante, outras moedas do catálogo de Eudóxia apresentam marcas dos ateliês monetários de Cízico, Heracleia Pôntica, Antioquia e Alexandria. Essas informações demonstram a grande circulação das moedas no Império, não restritas apenas às capitais, incluindo desde cidades de maior destaque a cidades situadas em províncias mais longínquas. Outrossim, não apenas os artefatos monetários trafegavam, mas a própria imagem da imperatriz contida no anverso e reverso destes objetos.

Nas moedas referenciadas, além da inscrição AEL EVDXIA AVG, que já analisamos, há a presença da epígrafe GLORIA ROMANORVM. Esta legenda foi usada pela primeira vez como um novo título de honra pessoal por Constantino. Nesse caso, o imperador e seus feitos representariam a glória dos romanos por meio de conquistas (STEVENSON; SMITH; MADDEN, 1889, p. 423). A mesma inscrição também aparece nas moedas de seus filhos, mas também de outros imperadores – incluindo os eventuais usurpadores –, como Nepociano, Vetrânio, Magnêncio, Constâncio Galo, Juliano II, Procópio, Graciano, Valentiniano II, Teodósio, Arcádio, Honório, entre outros.

Os atributos que, geralmente, aparecem associados à inscrição GLORIA ROMANORVM são constituídos pela personificação de Roma ou Constantinopla sentada; ou pelo imperador a cavalo, com lança na mão; ou por uma mulher coroada, num altar votivo. Decerto, essas são as combinações mais usuais. Porém, alguns autores declaram que um medalhão de ouro de Constâncio indica que a mulher representada na imagem seria a própria imperatriz Fausta (STEVENSON; SMITH; MADDEN, 1889, p. 423). Nas moedas de Eudóxia, é consenso entre os organizadores dos catálogos numismáticos consultados que a figura sentada no trono seja a própria imperatriz que, em conjunto com as demais imagens, demonstra uma casa imperial protegida diretamente por Deus e a sua aproximação com o cristianismo. Outros símbolos que indicam uma estreita relação entre a casa imperial e o culto cristão podem ser observados no acervo monetário de Eudóxia, como exposto na Figura 4.

Em tal exemplar de *aureum tremissis*, observamos as mesmas referências simbólicas, como a inscrição AEL EVDXIA AVG, o diadema de pérolas, o busto direito drapeado; os cabelos trabalhados, o colar e os brincos. Contudo, no anverso, há a presença de uma grande cruz em meio a uma coroa de flores e uma estrela no canto inferior direito.<sup>3</sup> Além

---

<sup>3</sup> Em muitas moedas romanas, a figura de uma estrela se refere à astrologia, como a visão de meteoros e astros em datas específicas. Mas também pode ser um símbolo alusivo à eternidade ou à consagração. Por fim, a estrela era frequentemente usada como um sinal de glória devido a alguma vitória, seja em batalha ou não (STEVENSON; SMITH; MADDEN, 1889, p. 761; MCIVOR, 2005, p. 87-89).

disso, tal moeda foi cunhada em Constantinopla, como atesta a marca CONOB, abreviação de *Constantinopoli obryzum*, indicando que o exemplar em questão foi cunhado com ouro refinado ou puro de Constantinopla.

**Figura 4** - Élia Eudóxia, *aureum tremissis*, 15 mm., 1,49 g., 398-408



Anverso: AEL EVDO-XIA AVG. Diadema de pérolas, busto direito drapeado; colar e brincos. Reverso: Grande cruz envolta por coroa de flores; estrela. Ateliê monetário: Constantinopla. **Fonte:** RIC X 346.

Outro exemplar semelhante às moedas de Eudóxia que portam a imagem de uma grande cruz em seu reverso é um miliarense que circulou entre 395 e 403, como demonstrado na imagem a seguir.

**Figura 5** - Élia Eudóxia, *argentum miliarensis* pesado, 24 mm., 5,10 g., 395-403



Anverso: AEL EVDO-XIA AVG. Diadema de roseta, busto direito drapeado; cabelo trabalhado; colar e brincos. Reverso: Grande *Chi-Rho* envolta por coroa de flores. Ateliê monetário: Constantinopla. **Fonte:** RIC X 46.

Aqui, observamos os mesmos atributos correntes do anverso. Contudo, no reverso deste *argentum miliarensis* pesado, cunhado em Constantinopla, não há uma cruz, mas um grande *Chi-Rho* envolto por uma coroa de flores. É importante destacar que o *Chi-Rho* é um cristograma utilizado já por de Constantino,<sup>4</sup> no século IV, ao adotá-lo em seu *labarum*,<sup>5</sup> após a vitória sobre Maxêncio, em Ponte Mílvia (QUINSON, 1999, p. 179).

O símbolo é formado pela sobreposição das duas primeiras letras da palavra grega ΧΡΙΣΤΟΣ (*Khristós*), de modo a produzir o monograma *Chi* e *Rho* (*XP*). Apesar de não ser necessariamente uma cruz cristã, o *Chi-Rho* é constantemente utilizado para representar a crucificação de Jesus, bem como celebrar seu *status* de Cristo, tradução do termo hebraico מָשִׁיחַ (*māšîaḥ*), transliterado para o português como Messias (STEFFLER, 2002, p. 66). O emblema *Chi-Rho* também é encontrado nas margens de textos que escribas gregos consideravam passagens valiosas. Neste caso, a combinação das letras *Chi* e *Rho* gera o termo *chrēston*, que significa algo como "bom" (SOUTHERN, 2001, p. 281).

Não apenas no Oriente tardo-antigo é constatado o uso do *Chi-Rho*. Uma representação visual do símbolo é vista na catacumba construída em homenagem a Domitila, em Roma, no século IV, retratada na Figura 6. A utilização do símbolo, tanto no *labarum* de Constantino, na catacumba ou nas moedas de Eudóxia, remete a uma conexão entre a crucificação de Jesus e sua ressurreição triunfal, dada a frequente utilização de uma coroa de flores ao redor do *Chi-Rho*, o que simboliza a vitória da ressurreição sobre a morte (HARRIES, 2004, p. 8).

**Figura 6** - Sarcófago com cenas da Paixão, Catacumba de Domitila, Roma, século IV



**Fonte:** Sarcófago com cenas da Paixão, Catacumba de Domitila, Roma, século IV. Mármore, 23" x 80".  
Museo Pio Cristiano, Vaticano, Roma.

<sup>4</sup> O cristograma *Chi-Rho*, isto é, a abreviação das palavras Jesus Cristo, provém do grego: ΧΡΙΣΤΟΣ ou Χριστός.

<sup>5</sup> O *labarum* em latim, e λάβαρον (*lábaron*), em grego, é definido como um estandarte militar romano, sendo o mais conhecido o de Constantino, que fixou sobre ele monograma do nome de Jesus Cristo em grego, *Chi-Rho*. Mesmo derivado do latim *labarum*, a etimologia da palavra lábaro não é clara (GRÉGOIRE, 1929, p. 477-482). Alguns autores a derivam do latim *labārea* (balançar, oscilar) ou *laureum vexillum* (estandarte de glória) (GREGORY; CUTLER, 1991, p. 1167).

Ao conferir apenas as primeiras moedas da cunhagem de Eudóxia, aqui expostas, gera-se uma forte impressão de que vários atributos da cultura tradicional romana foram suplantados por símbolos cristãos. Todavia, os artefatos monetários até então apresentados somam apenas uma parte do acervo catalogado. As moedas que analisaremos a partir de agora mostram-se relevantes do ponto de vista político-religioso, uma vez que mesclam atributos pagãos e cristãos em sua cunhagem.

**Figura 7** - Élia Eudóxia, *aureum solidus*, 21 mm., 4,46 g., 403-408



Fonte: RIC X 32.

Na Figura 7, temos o exemplar de um *aureum solidus*, que circulou no começo do século V, mais especificamente entre 403-408, cunhado em Constantinopla em ouro puro, como atesta a inscrição CONOB. Como de costume, a inscrição AEL EVDO-XIA AVG está presente no anverso desta moeda, em conjunto com o diadema de pérolas, o busto direito drapeado, a coroação da imperatriz pela mão de Deus e os atributos estéticos, que vão da vestimenta aos adornos. No anverso, contudo, a representação simbólica se distingue das moedas anteriores. É visível a figura da deusa Vitória, sentada e vestindo couraça, marcando o escudo com o *Chi-Rho*, além de uma estrela ao lado esquerdo e da inscrição SALVS REI-PVBLICAE, que faz menção ao bem-estar do governo.

Desde o final do século III a.C., representações da deusa Vitória aparecem com frequência no reverso das moedas. Contudo, como figura personificada, é encontrada apenas a partir do período de Augusto. A interpretação para o aparecimento da deusa, nesse momento, é a necessidade de simbolizar as vitórias romanas sobre os inimigos externos. Já no Império tardio, além das ameaças externas, o uso da Vitória na cunhagem também se relacionava aos problemas de ordem civil, como as disputas pela sucessão imperial (DOYLE, 2015, p. 159).

Após a derrota do exército romano do Oriente pelos visigodos em Adrianópolis, em 378, quando o imperador Valente pereceu, o seu sucessor, Teodósio, mediu um acordo de paz com os bárbaros. Entre vários atos comemorativos, Teodósio também ordenou a emissão de moedas que celebrassem a restauração da estabilidade no território romano. Nesses exemplares, a presença da deusa Vitória seria a responsável por guiar um navio figurativo para águas mais calmas (DOYLE, 2015, p. 162-164). Nesse ínterim, o panegirista Pacato Drepânio (*Pan. Lat.*, 2, 39, 1) elogiou Teodósio e exaltou a deusa Vitória como responsável pelo sucesso do imperador. Após a vitória sobre Máximo, Teodósio também solicitou a cunhagem de uma série de moedas comemorativas. Em uma dessas moedas, que pode ser vista logo abaixo (Figura 8), assim como no exemplar referente a Eudóxia, há a inscrição SALVS REI-PVBLICAE, a presença do *Chi-Rho* e, mais uma vez, a deusa Vitória. Dessa vez, a deusa avança com um troféu em seu ombro e arrastando um cativo – em alusão ao usurpador Máximo, vencido por Teodósio. Portanto, a saúde do corpo político romano foi restaurada e com a deusa Vitória vieram a punição e a justiça.

**Figura 8** - Teodósio, AE4 (inferior a 17 mm.), 383-392



Anverso: AD DN THEODO-SIVS PF AVG. Diadema de pérolas; drapeado; busto direto; vestindo couraça. Reverso: SALVS REI-PVBLICAE. Vitória avançando pela esquerda; troféu sobre os ombros; carregando um cativo; *Chi-Rho* no canto esquerdo. Ateliê monetário: Antioquia. **Fonte:** RIC IX 67b/70a.

No que se refere ao exemplar de *aureum solidus* de Eudóxia (Figura 7), é importante assinalar que a deusa Vitória aparece com um escudo nas mãos. De acordo com a tradição romana, a deusa realiza a inscrição dos nomes dos vencedores de uma batalha no escudo. Contudo, nas moedas indicadas, ela inscreve um *Chi-Rho* no objeto, o que pode configurar uma marca de supremacia cristã, em início do século V. Em outras palavras, a tradição greco-romana não é suplantada em definitivo pelo cristianismo, pois mesmo nos séculos

IV e V verifica-se um hibridismo entre símbolos pagãos e cristãos, em especial, por parte da aristocracia, fortemente vinculada ao *mos maiorum*, como no caso da retirada do altar da Vitória da cúria senatorial sob Graciano, medida esta que gerou grande discussão entre pagãos e cristãos, tendo como expoentes Símaco e Ambrósio, que emitiram opiniões divergentes a respeito do mesmo evento, como podemos observar na correspondência enviada a Valentiniano II (Ambr., *Ep.* XVII, 1-17; *Ep.* XVIII, 1-41; Sim., *Mem.*, I-XVIII).

A deusa Vitória aparece, assim, amplamente em moedas romanas, em joias, na arquitetura e na arte. Representações do espírito ou a personificação da deusa eram comuns na iconografia oficial romana. Onde quer que estivesse, Vitória conferia *status* de poder, de conquista. A deusa ocupava lugares altos, guiava, subjugava, presenteava os vitoriosos. Para alguns autores, como Chris Doyle (2015, p. 170), a cunhagem de moedas com a personificação da Vitória foi utilizada como ferramenta de propaganda, destinada a inspirar a confiança da população em face da instabilidade e das ameaças que o Império Romano tardio vinha sofrendo. De uma forma ou de outra, a representação da Vitória, por longo tempo, foi associada à segurança e ao bem-estar do Estado e dos seus cidadãos, criando-se, assim, um vínculo entre a imagem da deusa e a política romana difícil de ser rompido.

Representações da deusa Vitória também foram bastante recorrentes em panegíricos romanos e textos de procedência pagã. Entretanto, foi por meio da materialidade que a propaganda da deusa foi transmitida na Antiguidade Tardia. Entre a arquitetura, joias e outros objetos artísticos, as moedas ganham destaque, uma vez que a natureza ubíqua destas garantia que a imagem imperial viajasse para as partes mais distantes do Império Romano, enquanto panegíricos e outros textos escritos ficavam restritos à elite (DOYLE, 2015, p. 170).

Paladas de Alexandria (*Anth. Grae.*, 16, 282), um poeta pagão do século IV, escreveu com ironia a respeito de o ateliê monetário de Constantinopla ter por hábito cunhar moedas com a imagem da deusa Vitória, apesar da estreita relação da cidade com o cristianismo. Mesmo sob a égide cristã, o Império Romano manteve sua relação com a deusa por longo tempo, e no século V não é diferente. A permanência da figuração divina na simbologia dos artefatos monetários é clara quanto a isso. Marcas de uma cultura tradicional e de uma ascendente cultura cristã ocupavam, muitas vezes, o mesmo espaço, dividiam a paisagem arquitetônica citadina e mesmo pequenos objetos, como as moedas. Contudo, lentamente, assim como outros símbolos da cultura greco-romana, a aparição da deusa alada cedeu lugar a outras figuras com asas e, com o tempo, passou a ser associada aos anjos cristãos (DOYLE, 2015, p. 170-171).

A associação entre Eudóxia e a deusa Vitória, nas moedas teodosianas, confere à imperatriz uma imagem de triunfo e *uirtus*, na medida em que a presença da deusa

na documentação numismática era praticamente restrita a figuras do sexo masculino. É importante destacar que, para os romanos, a *uirtus* era uma virtude específica entre outras. A sua aplicação conotava valor, excelência, coragem, caráter e liderança, qualidades estas percebidas como majoritariamente masculinas – daí *uirtus*, em que *uir* significa “homem” na língua latina. Portanto, não era comum a atribuição de *uirtus* às mulheres (ALTMAN, 2009, p. 411). Cícero (*Pro Ros. Ame.*, 27), no entanto, atribuiu, mais de uma vez, essa característica a figuras femininas, como no caso de Cecília Metela, ao descrever a assistência prestada por essa mulher no socorro a um homem perseguido por assassinos. Túlia, filha de Cícero, também foi agraciada com a *uirtus* por seu pai, assim como Terência, sua esposa (Cic., *Fam.*, 14, 1, 4). Entretanto, tais associações entre a *uirtus* e figuras femininas não são algo usual e denotam ações em um contexto específico, no qual qualidades contidas na *uirtus* se manifestam (MCDONNELL, 2006, p. 161). Portanto, no caso de Eudóxia, a presença da deusa Vitória em suas moedas conferia o status da *uirtus* esperada de homens ilustres, ao mesmo tempo em que a agraciava como vitoriosa, resultado da benção divina.

Por fim, chegamos à última, mas não menos importante moeda de Eudóxia que selecionamos para análise. Trata-se de um *aureum solidus*, cunhado em Constantinopla, em ouro puro, durante a primeira metade do século V. De forma diversa das moedas anteriores, esse exemplar de *solidus* não pertence ao momento do governo de Arcádio (395-408), muito menos ao período de vida da imperatriz, que veio a falecer em 404, mas, sim, ao governo de seu filho, Teodósio II (408-450).

**Figura 9** - Élia Eudóxia, *aureum solidus*, 21 mm., 4,45 g., 443



Anverso: AEL EVDOXIA AVG. Diadema de pérolas, busto direito drapeado, coroada pela mão de Deus, colar e brincos. Reverso: IMP XXXXII COS XVII PP. Sentada à esquerda, joelho direito gravado como uma protuberância triangular; pé na proa, segurando cruz no globo e cetro; escudo à direita, estrela no canto esquerdo. Ateliê monetário: Constantinopla. **Fonte:** RIC X 328.

No anverso do *solidus*, nos deparamos com as tradicionais inscrições e símbolos encontrados nas moedas anteriores: a inscrição AEL EVDXIA AVG e o diadema de pérolas, o busto direito drapeado, a coroação pela mão de Deus, o colar e os brincos, como símbolos. Todavia, no reverso desta moeda, lemos a inscrição: IMP XXXXII COS XVII PP, no qual IMP remete a *Imperator* e XXXXII ao período de cunhagem contado a partir do governo, neste caso, de Teodósio II, ou seja, quarenta e dois anos a partir de sua nomeação como *Augustus*, em 402 – em outras palavras, esse *aurem solidus* foi cunhado em 443. Já COS é abreviação de *Consul* e XVII é o número de vezes que o cargo foi exercido; e, por fim, PP, provavelmente, faz menção ao antigo título honorífico de *Pater Patriae*, ou “Pai da Pátria” (GRIERSON; MAYS, 1992, p. 146). Como símbolos, há a presença da personificação de Constantinopla, sentada à esquerda, com o joelho direito gravado como uma protuberância triangular, com um pé na proa e segurando uma cruz no globo e um cetro. Há também um escudo à direita e uma estrela no canto esquerdo e a inscrição CONOB, indicando o local de cunhagem, que seria o ateliê monetário de Constantinopla.

Convém ressaltar que a inscrição IMP XXXXII COS XVII PP também aparece nas moedas de Élia Eudócia, esposa do imperador, e de Élia Pulquéria, irmã de Teodósio II. Mesmo que Eudócia não estivesse mais viva, moedas e inscrições ainda eram confeccionadas em sua homenagem. Nesta moeda, percebemos mais uma vez a utilização de elementos tradicionais, como a personificação de Constantinopla, em conjunto com símbolos cristãos, como a *Manus Dei* e a cruz fincada no globo, representando um mundo cristianizado. Em representações de séculos anteriores, a figura do globo foi bastante utilizada, inclusive a deusa Vitória era uma das que mais apareciam carregando-o. Neste momento, portanto, temos uma assimilação do símbolo com a nova religião do Império (GRIERSON; MAYS, 1992, p. 82).

O *solidus* em questão foi cunhado durante o governo de Teodósio II como uma homenagem do imperador a sua falecida mãe, Eudócia. A cunhagem póstuma de moedas à imperatriz pode significar uma tentativa de resgate da positividade de sua imagem frente à produção de obras de cunho cristão, alinhadas com a causa de João Crisóstomo, que reforçavam a representação negativa da Eudócia.

### **Cunhando uma representação**

A moeda romana, sem dúvida, é um artefato peculiar. A presença de imagens e inscrições cunhadas nos anversos e reversos não eram meramente estéticos, havia um propósito simbólico, com o objetivo de divulgar determinada mensagem e que esta abrangesse o maior número de habitantes possível. A moeda, para Silva (2014, p. 66),

configurava um dos meios de o imperador e sua família mostrarem-se presentes nas províncias mais longínquas do Império Romano. Os artefatos monetários, contudo, são apenas um entre os diversos suportes produtores de memórias e representações. Em consonância ou não com os textos e demais elementos da cultura material, as moedas transmitem uma imagem específica que nem sempre pode ser alcançada por meio das fontes textuais. Em outras palavras, o texto cultural monetário é transmissor de um discurso dotado de intenções sociopolíticas, religiosas e culturais.

A imagem de Élia Eudóxia cunhada nas – e pelas – moedas é, sem dúvida, reveladora. Todos os atributos de uma aristocrata romana estão presentes em sua imagem retratada no anverso dos artefatos monetários, desde a vestimenta aos adornos e ao complexo penteado. Se nossa análise se restringisse apenas à figura da imperatriz, certamente, não encontraríamos atributos cristãos, mas, sim, os de uma mulher pertencente à aristocracia tradicional. Contudo, as moedas falam mais e, como um todo, nos apresentam diversos símbolos cristãos, como cruzes, *Chi-Rho*, globo com uma cruz fincada e, principalmente, a coroação pela mão de Deus.

A mão de Deus, ou *Manus Dei*, em latim, também conhecida como *Dextera Domini Dei*, a “mão direita de Deus”, é um recurso muito utilizado na arte judaico-cristã, especialmente a partir da Antiguidade Tardia, quando a representação do Deus cristão personificado como uma figura humana era motivo de debate, mas, em grande parte, considerada como inaceitável. A mão, por vezes, incluindo uma pequena parte de um braço, é utilizada para indicar a aprovação de Deus em assuntos terrenos. A *Manus Dei* não retrata uma mão física, mas uma metáfora artística que se destina a indicar que, em determinado assunto, houve uma intervenção divina. A mão de Deus, geralmente, aparece na parte de cima do objeto, como um símbolo de benção, mas, por vezes, pode executar uma ação, como nas moedas da dinastia teodosiana. Apesar de a mão de Deus ser, em grande medida, associada a um símbolo de aprovação divina, também é possível que a sua visibilidade seja associada à persistência das concepções antropomórficas da divindade na Antiguidade Tardia (GRIFFITH; PAULSEN, 2002, p. 97-118).

Importa mencionar que somente a partir das moedas dos governantes do final do século IV, principalmente nas moedas de Arcádio e Eudóxia, a *Manus Dei* aparece nitidamente coroando as personagens representadas nos aversos e reversos. A frequência da presença da mão de Deus coroando imperadores e imperatrizes é praticamente restrita ao Império do Oriente (GRIERSON; MAYS, 1992, p. 76). Com o tempo, a *Manus Dei* foi substituída, na arte bizantina, por um rosto, por um busto e pelo corpo integral, ora de Deus, ora de Jesus (DIDRON, 1851, p. 210).

A presença da *Manus Dei* nas moedas de Eudóxia, em certa medida, reforça a imagem de uma imperatriz vinculada à causa cristã, reconhecida e abençoada por Deus, conferindo-lhe legitimidade político-religiosa num Império cada vez mais cristão.

Todos esses símbolos presentes nos artefatos monetários referentes a Eudóxia nos remetem a uma aristocrata cristã que estava familiarizada com os símbolos cristãos e suas implicações políticas. Contudo, a presença dos atributos materiais esperados de uma mulher aristocrata, a larga utilização da imagem da deusa Vitória, entre os demais símbolos e inscrições, todos em conjunto com os símbolos cristãos, demonstram um espaço de convivência entre o que se costuma considerar como separado. O mundo tardo-antigo, entre outros aspectos, é rico nessa conjunção. Assim como os cristãos dos primeiros séculos adotavam símbolos judaicos e pagãos em sua produção cultural, a aristocracia romana, fortemente ligada ao *mos maiorum* e a toda uma tradição clássica, realizou uma reelaboração dessa tradição à base dos valores e preceitos cristãos.

### Considerações finais

O uso das moedas num contexto social específico reforça a ideia de que os discursos atuam de forma simbólica, forjando representações múltiplas e distintas de determinada *persona* ou governo. As moedas, e todo seu conjunto de símbolos, podem ser interpretadas como ferramentas de suma importância para os atores políticos construírem, reforçarem ou desconstruírem determinada imagem diante dos consumidores, entendidos aqui como os indivíduos que mantêm contato com as moedas. Portanto, a imagem monetária de Eudóxia enaltece uma mulher proveniente da aristocracia, alinhada com a tradição cristã, sem abrir mão por completo de elementos da cultura clássica. Porém, ao mesmo tempo, uma imperatriz coroada e abençoada pela mão de Deus, familiarizada com os símbolos sagrados e divulgadora dos ideais cristãos por todo o Império, uma vez que *solidi*, *miliarensia*, *tremisses* e variadas moedas de bronze dedicadas à imperatriz circulavam em grande parte do território romano do Oriente, reforçando a autoridade da imperatriz e contrapondo-se à representação sobre ela contida nos textos, comprometidas, em geral, com a causa de João Crisóstomo.

É imprescindível, mais uma vez, frisarmos a importância do título de *Augusta* que revestiu a imperatriz. As opiniões e ações de Eudóxia adquiriram maior autoridade e legitimidade a partir da concessão do título. Ora, Eudóxia não era uma mulher comum, mas pertencente à família teodosiana, imperatriz e aristocrata. Suas aparições em público e suas intervenções em assuntos político-religiosos estavam estreitamente ligadas à posição de destaque da qual gozava. Nesse sentido, Eudóxia também possuía a capacidade de

construir para si mesma uma imagem arquitetada capaz de se contrapor à imagem criada pelos documentos escritos, que, em sua maioria, a criticavam ou condenavam seus atos. Todos esses símbolos e atitudes relacionados à imperatriz demonstram uma atuação em prol de um culto imperial que vai além da exclusiva imagem do imperador e, também, uma forma de liderança feminina que não se curva perante todas as condições que lhe são impostas, questionando o próprio lugar da mulher dentro da política e da religião.

## Referências

### Documentação textual

- AMBROSE. Letters. In: SCHAFF, P. (Ed.). *Nicene and post-Nicene fathers, series II*. New York: Cosimo Classics, 2007. v. X.
- CICERO. *Letters to friends*. Edited and translated by Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2001. v. II.
- \_\_\_\_\_. *Pro Roscio Amerino*. Edited with Introduction and Notes by E. H. Donkin. Bristol: Bristol Classical, 1991.
- PACATO DREPANIO. Panegyrici Latini. In: NIXON, C. E. V., RODGERS, B. S.; MYNORS, R. A. B. (Ed.). *In Praise of Later Roman Emperors: The Panegyrici Latini*. Introduction, translation, and historical commentary, with the Latin text of R. A. B. Mynors. Berkeley: University of California Press, 1994.
- PALLADAS. *The Greek Anthology*. Translated by W. R. Paton. Harvard: Harvard University Press, 1916.
- PHILOSTORGIUS. *Church History*. Translated with an Introduction and notes by P. R. Amidon. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.
- QUINTUS AURELIUS SYMMACHUS. Memorial. In: SCHAFF, P. (Ed.). *Nicene and post-Nicene fathers, series II*. New York: Cosimo Classics, 2007. v. X.
- ZÓSIMO. *Nueva Historia*. Introducción, traducción y notas de J. M. C. Moró. Madrid: Gredos, 1992.

### Documentação numismática

- GRIERSON, P. ; MAYS, M. (Ed.). *Catalogue of Late Roman coins in the Dumbarton Oaks Collection and in the Whittemore Collection: from Arcadius and Honorius to the accession of Anastasius*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1992.

KENT, J. P. C.; CARSON, R. A. G.; BURNETT, A. M. *The Roman Imperial Coinage: the divided Empire and the fall of the Western parts*. London: Spink, 1994. v. 10.

NAC. *Numismatica Ars Classica*. Auction 33, Lot 617.

SEAR, D. R. *Roman coins and their values*. London: Seaby, 1988.

### Documentação visual

Sarcófago com cenas da Paixão, Catacumba de Domitila, Roma, século IV. Mármore, 23" x 80". *Museo Pio Christiano*, Vaticano, Roma.

### Obras de apoio

ALTMAN, W. H. F. Womanly humanism in Cicero's Tusculan Disputations. *Transactions of the American Philological Association*, v. 139, n. 2, p. 411-445, 2009.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRUBAKER, L.; TOBLER, H. The gender of money: Byzantine Empresses on Coins (324-802). *Gender & History*, v. 12, i. 3, p. 572-594, 2000.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

COOPER, K. Gender and the fall of Rome. ROUSSEAU, P. (Ed.). *A companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 187-200.

DIDRON, A. N. *Christian iconography: or, the History of Christian Art in the Middle Ages*. London: Henry G. Bohn, 1851.

DOYLE, C. Declaring victory, concealing defeat: continuity and change in imperial coinage of the Roman West, c.383- c.408. In: GREATREX, G.; ELTON, H. (Ed.). *Shifting genres in Late Antiquity*. Farnham: Ashgate, 2015, p. 157-171.

FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FRÈRE, H. *Numismática: uma introdução aos métodos e à classificação*. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984.

GRÉGOIRE, H. L'étymologie de 'Labarum'. *Byzantion*, v. 4, p. 477-482, 1929.

GREGORY, T. E.; CUTLER, A. Labarum. In: KAZHDAN, A. P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 1167. v. 2.

GRIERSON, P. *Byzantine Coins*. London; Los Angeles; California: Methuen; University of California Press, 1982.

GRIFFITH, C. W.; PAULSEN, D. Augustine and the corporeality of God. *The Harvard Theological Review*, v. 95, n. 1, p. 97-118, 2002.

- HARRIES, R. *The Passion in Art*. Burlington: Ashgate, 2004.
- HIDALGO DE LA VEGA, M. J. *Las emperatrices romanas: sueños de púrpura y poder oculto*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 2012.
- HOLUM, K. G. *Theodosian empresses: women and Imperial dominion in Late Antiquity*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1982.
- LE GOFF, J. *História e memória*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- MCCORMICK, M. Empress. In: KAZHDAN, A. P. (Ed.). *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 694-695. v. 1.
- MCDONNELL, M. *Roman manliness: "virtus" and the Roman Republic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- MCIVOR, R. S. The star on Roman coins. *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada*, v. 99, n. 3, p. 87-91, 2005.
- MINITT, S. Roman silver from Somerset. *Minerva, the International Review of Ancient Art and Archaeology*, p. 48, jan.-feb. 2003.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7-28, 1993.
- PORTEOUS, J. *Coins in history: a survey of coinage from the reform of Diocletian to the Latin Monetary Union*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969.
- QUINSON, M.-T. *Dicionário cultural do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SCHÜTZ-FOERSTE, G. M. *Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea*. Vitória: Edufes, 2004.
- SILVA, C. F. P. A moeda como um discurso: uma análise das representações de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio. *De Rebus Antiquis*, año 4, n. 4, p. 55-67, 2014.
- SOUTHERN, P. *The Roman Empire from Severus to Constantine*. New York; London: Routledge, 2001.
- STEFFLER, A. W. *Symbols of the Christian faith*. Grand Rapids; Michigan; Cambridge: Wm. B. Eerdmans, 2002.
- STEVENSON; S. W.; SMITH, C. R.; MADDEN, F. W. *A Dictionary of Roman coins: Republican and Imperial*. London: G. Bell and Sons, 1889.